

O SABER-FAZER DAS LOUCEIRAS DO CÓRREGO DE AREIA: MEMÓRIA E TRADIÇÃO

Profa Dra Francisca Raimunda Nogueira Mendes
Universidade Federal do Ceará (UFC)
nogueiramendes@hotmail.com

1. O CÓRREGO DE AREIA E A LOUCEIRAS

O artesanato no Ceará é uma fonte de renda para muitas famílias¹ e sinônimo de variedade de tipologias. Do bordado aos objetos feitos de barro, passando pelo couro, trançados de palha, madeira, labirinto, rendas e xilogravura, os saberes, fazeres, significados e vivências são transmitidos de geração a geração. No dia-a-dia, tais peças podem adquirir funções utilitárias, decorativas, lúdicas ou religiosas.

Meu interesse aqui é discutir o fazer artesanal das louceiras do Córrego de Areia, mulheres que fazem louça de barro no município de Limoeiro do Norte-CE, produção materializada a partir da tradição familiar e da memória do saber. As louceiras dominam todas as etapas da feitura, desde a retirada do barro do *barreiro* até a queima, parte final do processo de feitura de louça.² A venda é feita de forma individual e cabe aos homens apenas a construção dos fornos, salvo alguns poucos que ainda fazem louça, mas em número pouco expressivo. Doze famílias - que apresentam sempre algum grau de parentesco - ainda vivem da produção de louça no local.

Para ter acesso a tais vivências, apropriar-se das narrativas das louceiras foi imprescindível. Partindo das trajetórias particulares, pude perceber como o saber artesanal é transmitido de uma geração a outra, levando em conta as referências do passado. Desse modo, as redes de sociabilidade e de circulação das peças produzidas no Córrego vão sendo constituídas e reconstituídas com o passar dos anos. Afinal, conforme lembra Ecléa Bosi (1994) “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado”.

2. UM FAZER (SE) PELAS PRÓPRIAS MÃOS

¹ O Sindicato dos Artesãos do Estado do Ceará estima que cerca de cem mil pessoas sobrevivam da produção de itens artesanais no Estado. Só na CEART, ligada à Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social (STDS), são 34.450 profissionais cadastrados (Dados de 26/09/2006).

² As louceiras chamam os objetos que fazem de *loiça*.

A louça do Córrego de Areia é modelada do barro retirado de um terreno “abandonado³”, denominado pelas louceiras de *barreiro ou barreiro do barro*; outras vezes, elas se referem a esse lugar como *lagoa*. Quando perguntadas a respeito da posse dessa área, elas dizem que *não tem dono não, o dono é nós*. A escavação tem que ser feita durante o verão (julho a dezembro), pois no período chuvoso a água invade o *barreiro*, impossibilitando a retirada do barro. Não podem, entretanto, ser feitas grandes retiradas com o intuito de armazenar o barro, pois o este é guardado dentro de casa, em razão da falta de um local mais adequado, o que causaria a ocupação de muito espaço no interior das residências, que já nem são tão grandes.

O clima úmido interfere ainda, de forma negativa, na secagem das peças, levando-as à quebra com maior facilidade durante a queima, convertendo-se, pois, em prejuízo para a louceira. E, ainda, como a maioria delas não tem forno coberto, a chuva também impede que a queima da louça seja realizada. Portanto, percebe-se que, assim como de outras atividades cearenses, como trançados de carnaúba em Russas, garrafas de areia colorida em Aracati, cerâmica em Cascavel, a produção de louça no Córrego de Areia é alterada no período das chuvas, sendo praticada em maior escala durante o verão (Porto Alegre, 1994).

Tava com seis mês que eu não queimava loiça. Passei seis mês de inverno, o forno levando chuva direto, caiu os aro, aí depois disso foi que comecei a trabai [trabalhar]. (Maria Rodrigues, julho de 2008)

Em decorrência das constantes intervenções, a superfície da *lagoa* é acidentada e irregular, coberta em alguns momentos por plantas nativas da caatinga. A depressão aumenta a cada retirada, pois também são feitos outros buracos em busca de barro usado na fabricação de telhas e tijolos. As louceiras, entretanto, fazem questão de esclarecer que o barro usado para a produção de louça não é o mesmo empregado na fabricação dos tijolos, que exige menor qualidade.

É o mermo barro do tijolo, só que nós tira mais de baixo e o de tijolo eles tira com tudo, sabe? Só aquela casquinha de cima. O nosso é mais embaixo, porque com areia não presta e de tijolo todo barro presta. (Lúcia Rodrigues, agosto de 2008)

É recorrente entre as louceiras o relato de que o *barreiro* que elas utilizavam antes não é aquele. O barro vinha de outro local, na própria localidade, de propriedade particular, cuja qualidade é superior à do que hoje é usado. Elas contam que o dono

³ O proprietário dessas terras é desconhecido e até hoje não reivindicou a posse delas.

cercou as terras e as impediu de entrar nos seus domínios. Esse fato teria ocorrido, de acordo com a memória, aproximadamente no início dos anos 1980. Foi aí que elas passaram para o atual *barreiro*.

Antigamente tirava o barro de outro canto, mas foi vendida a terra ninguém tirou mais, mas era outro. Uma irmã de pai brigou mais ele, aqui conhece ele por Chico Procópio, ele pegou e cercou, ela cortou de foiça a cerca e deu uma confusão, foi pra delegacia, veio juiz, veio promotor, mas ela ganhou a questão. Aí foi tempo que ela morreu, veio outro comprador, aí cercou e nós passamo pra tirar noutra canto, que é esse de onde a gente tira hoje. Ainda tá aí. (Antônia Ribeiro, maio de 2007)

As louceiras enfatizam, ainda, que o *barro bom para fazer loiça* está cada vez mais escasso, que elas chamam de *ruim*; dizem ainda que escavam numa profundidade cada vez maior para encontrá-lo e muitas vezes ele vem acompanhado por pedras e areia. Sendo assim, demonstram a preocupação com o esgotamento desse recurso, natural e não renovável, quando dizem que não sabem *como é que vai ser quando se acabar*, ou seja, de onde elas vão retirar a matéria-prima para a produção de suas peças.

Eu tô achando que vai se acabar. Porque o barro tá muito ruim. Eu pergunto pras meninas (irmãs) donde é que nós vamo tirar barro hein? Porque tava com mais de mês que eu num ia no barreiro do barro, fui essa semana, cavei lá, mexi de um lado, de outro e disse: vou me embora sem levar. (Avelanda Braúna, julho de 2008)

Munidas de uma enxada pequena e de cabo curto, que serve para escavar até encontrar o barro adequado, elas vão ao *barreiro*, geralmente, uma vez por semana⁴, por volta de seis ou sete horas da manhã, para evitar exposição ao sol nos horários em que ele está mais quente. Levam para casa a quantidade de barro necessária para fazer as encomendas, denominada de *caminho de barro*, transportado de bicicleta, em baldes ou em carros de mão, por elas próprias. Se elas retirarem, porém, uma quantidade que represente um aumento de peso recebem a ajuda dos filhos ou do marido para levá-lo até em casa.

⁴ A maioria vai, às segundas-feiras, buscar a quantidade necessária para o trabalho da semana inteira.



Figura 15 – Avelanda (à esquerda) e Toinha (à direita) retirando barro no barreiro. Fonte: Francisca Mendes. Acervo pessoal. 2006.

É importante atentar para o fato de que, aos olhos das louceiras, o *barreiro* é muito mais do que uma extensão de terra cheia de escavações, como possa parecer. Ele revela “o rastro” de quem esteve antes lá, que quantidade de barro levou e quanto tempo faz, com base nos sinais deixados pelos buracos feitos. Quando encontram uma boa jazida de barro, algumas louceiras chegam a “esconder” o lugar com galhos e plantas rasteiras, para que as outras não saibam que ali tem um barro de boa qualidade; ou esperam que as outras saiam para que ela possa escavar, a fim de que ninguém veja o lugar de onde ela retirou um “bom barro”.

Vê-se, então, que não é qualquer barro que serve para fazer louça. O teste se dá ao esfregar o barro entre os dedos polegar e indicador, para sentir a textura e a liga, além da observação de aspectos como o tom (Lima, 2006). Ao chegar *ao barreiro*, a louceira faz uma seleção do lugar a ser escavado e do barro que será retirado, revelando que o aprendizado e a experiência vivida emergem no momento de realizar tal escolha.

É quando a gente cava, a gente vê que o barro é bem maciinho, na hora que passa a enxada, a gente já sabe que o barrozím é macio, vê um barrim lisim e areiento quando a gente cava, é aspro [áspero], a enxada bate assim é que nem areia, cortando areia. E o barro é assim areiento quando a gente vê é assim mode com areia. (Lúcia Rodrigues, agosto de 2008)

Quando a gente cava lá, tem uns que é todo vermelho, a gente vê que num presta, o mais preto a gente vê que é melhor, mais macio, pegando logo assim [faz o gesto esfregando o barro entre os dedos] a gente sabe o que é macio e o que tem pedra, com areia. Mesmo tando [estando] seco. Pra quem faz pote, que bota areia, chega lá tira de qualquer jeito mas pra fazer essas pecinha num dá não, tem que ser barro liso, pra loiça ficar lisa. (Avelanda Braúna, julho de 2008)

Depois que vem da *lagoa*, o barro é *aguado* ao chegar em casa com a finalidade de amolecer. Como geralmente é retirado no verão, está muito ressecado, e

faz-se necessário receber água num alguidar⁵ grande, até amolecer o suficiente para poder ser amassado com os pés. Algumas louceiras preferem retirar o barro já molhado, o que exige que a escavação seja mais profunda. Essa opção, entretanto, dificulta a identificação de alguma sujeira (galhos, pedras, fragmentos de vidro) que porventura possa existir na matéria-prima.

Traz o barro da lagoa e quando chega [...] no verão, aí o barro é seco, sabe? A gente traz barro em pedaço assim, seco. Aí chega a gente aguoá, bota num alguidar ou numa vasilha e molha, aí quando for no outro dia a gente bota num saco, tira, bota em cima e amassa com os pés. (Veranilde Braúna, agosto de 2007)

Sentada ao chão, sobre uma das pernas e com a outra dobrada para trás, a louceira tem no alcance da sua mão o barro, os instrumentos (cuia, talo de carnaúba, pedra, água) que a auxiliam e tábuas de madeira de vários tamanhos, que servirão de base para a peça. Quase sempre as tábuas são muito antigas, herdadas das mães ou avós e bastante desgastadas⁶. Nunca vi tábuas com características de pouco uso.

Assim como as peças feitas no Candeal (MG), descritas por Lima (2006) e as panelas de barro das Goiabeiras (ES), estudadas por Dias (2006), a modelagem da louça no Córrego de Areia é iniciada com uma “bola” de barro, colocada sobre a tábua, cujo tamanho vai variar de acordo com a dimensão da peça a ser modelada, que recebe um “soco” para *fazer o fundo da vasilha*. Em seguida, ela recebe a forma que a louceira preferir lhe dar e é *alisada* por dentro com uma pedra enquanto espera secar para que possa ser *rapada*. Vale lembrar que, no caso de peças maiores e bojudas, como os potes e quartinhas, geralmente são feitos por etapas. À medida que a parte inferior está seca o suficiente para suportar o peso, o bojo é colocado. Durante esse processo, algumas louceiras pitam cachimbos ou um fino cigarro de fumo, enrolado por elas próprias num fino e delicado papel chamado de *papelim*.

Apenas com a mão, que é áspera e tem a pele grossa de tanto mexer com o barro, a louceira vai modelando aquela matéria que até então era disforme. Aos poucos, ela vai girando a tábua, com a mão esquerda, enquanto a direita vai “levantando” o barro; assim ela trabalha em todos os lados da peça. A técnica e a habilidade impressionam; é um trabalho de muita maestria. Não há tornos giratórios ou qualquer outro instrumento utilizado em trabalhos com barro para facilitar ou aumentar a produção, sendo essa sua principal especificidade. É nesse momento que as ideias

⁵ Espécie de bacia, feita de barro.

⁶ Maria de Zé Pequeno orgulha-se de uma tábua que diz ter cerca de noventa anos.

afloram, a criatividade é aguçada e o intelecto é posto em funcionamento. Entremeadado por técnicas e saberes culturalmente apreendidos, ao longo dos anos, o modo de fazer é executado com tanto esmero, afincos e cuidado, que chega a produzir desconfiança em quem não o conhece. A mão é a principal fôrma.

Enquanto a mão e o barro vão sendo umedecidos, os dedos mais parecem espátulas que “abrem” os torrões de barro e os transformam em potes, panelas, jarros, abajures, cinzeiros. Portanto, a mão é a extensão desse corpo treinado. Nesse processo, as mãos merecem atenção especial, pois elas não apenas executam as idéias, como também são, sobretudo, instrumentos essenciais para a ação humana (Hertz 1980). Muito já foi escrito a respeito do poder que nossas mãos carregam em si. Desde a adoção da revolucionária postura bípede adotada pelo *Homo sapiens*, o uso das mãos tem sido uma constante para fins sagrados, terapêuticos, para comunicar algo sobre nós ou para fazer a ligação com o cérebro. Ao ocuparmos as mãos em um trabalho manual, acalmamos o nosso mental e a nossa *psique*. A mão é uma trabalhadora, que cresce à medida que se envolve com aquilo que produz, pois não está apenas reproduzindo, imitando ou contemplando algo já feito. Ao contrário, está manifestando seu caráter inovador, seu poder de criação (Bachelard 1991).



Figura 17– Raimunda (à esquerda) e Maria (à direita) trabalhando o barro. Fonte: Francisca Mendes. Acervo pessoal. 2006.

A *tábua* é à base da modelagem. Com um talo de carnaúba, chamado por elas de *tala*, é feita a raspagem para que a peça fique o mais fina possível. Com um pedaço de cabaça é feita a *palheta*, que, segundo elas, é usada para alisar a parte interior da peça. Também de talo é feita a *faca*, usada para cortar o excesso. Para alisar, são

usados uma *pedra* e restos de um *penete fino*. Já para obter um aspecto liso das bordas, é usado um pedaço de tecido, chamado de *couro*⁷.

É a paêta pra dá o acabamento por dentro, a tala para dá o acabamento por fora, a pedra é pra alisar, o pente é pra alisar e arranhar e um pedaço de pano pra passar no beijo (Antônia Ribeiro, dezembro de 2006).

Muitas louceiras consideram a modelagem como sendo “fácil” de ser executada. Para elas, o mais difícil é o acabamento, o alisamento, pois é nesse momento, parte final do processo de dar forma, que a habilidade e o saber da louceira são testados:

Fazer loiça não dá trabalho não, dá trabalho é pra rapar e pra alisar.
Eu pejejo pra fazer uma vasilha grossa, mas não sei fazer.
(Maria Rodrigues, novembro de 2006)

O artesanato é todo feito em casa, conciliado com os afazeres domésticos e aliado às funções de mãe, esposa e dona de casa, obedecendo a um ritmo próprio, conforme mencionado. Por isso as atribuições advindas desses outros papéis sociais preenchem consideravelmente o cotidiano das louceiras e as “obriga” a dar conta de outras tarefas, paralelas ao universo do barro.

[...] a gente tem muito o que fazer, eu aqui vivo sozinha, Edvan [o marido] passa o dia no mundo lutando com esses bicho aí, Giliard [filho] passa o dia trabaçando, aí é varrer casa, lavar prato, cozinhar comer, encher litro pra botar na geladeira, às vez dá água a um bicho e é porque eu só lavo roupa dia de sábado e dia de domingo.
(Maria Rodrigues, julho de 2008)

Essa simbiose entre trabalho e cotidiano “atrai e fascina o observador”, pois, por meio dos objetos, são reveladas partes da “vida diária, das práticas religiosas, das crenças, das festas, das tarefas domésticas, da dura luta pela sobrevivência” (Porto Alegre, 1994). Uma parte dos instrumentos que auxiliam a mão hábil da louceira tem origem na vegetação nativa encontrada nos arredores das casas e outra é gerada do reaproveitamento de materiais como tecido, pente, faca e pedra. A maioria deles tem uma vida útil muito grande e vêm sendo passados de mãe para filha; é o caso

⁷ *Tábua* – fragmento de madeira onde o barro é modelado; base.

Palheta – pedaço de cabaça, fruto da cabaceira, que é cortado de forma oval e usado para alisar as peças já prontas.

Couro – segundo as próprias louceiras, antes o couro de animais como cabras, carneiros e até bois, era utilizado para deixar as bordas das peças o mais fina possível; mas o passar dos anos, o preço do couro ficou muito alto e diminuíram também as criações domésticas desses animais, dificultando a retirada do couro. Então, elas passaram a usar tecido; o objeto mudou, mas o nome permaneceu, em razão da predominância da pecuária no vale do Jaguaribe e por Limoeiro do Norte ter sido uma das cidades por onde passavam as boiadas, vindas de Aracati, com destino a Icó, nos conhecidos “caminhos do gado”.

principalmente das pedras usadas para alisar e dos talos (pecíolos) das folhas da carnaúba (*Copernicia Prunífera*), que servem para cortar as bordas⁸. O vocabulário usado para designar os instrumentos de trabalho não é muito extenso, não havendo, também, nenhuma linguagem restrita, específica do ofício.



Figura 19 – Pentes que ajudam a louceira no acabamento das peças (à esquerda) e pratos fundos, já *alisados* por dentro, esperando para secar e serem *rapados* por fora. Fonte: Francisca Mendes. Acervo pessoal. 2006.

A produção da louça de barro nessa localidade não pode ser vista sem levarmos em conta a dimensão do corpo da louceira, que é também parte desse processo. Assim como Maus (2003), entendo que o corpo não pode ser pensado somente do ponto de vista biológico e que o homem produz pela interação social e na imersão do campo simbólico. Em outras palavras, o corpo é um artefato cultural, pois expressa o aprendizado assimilado no meio social no qual está inserido e as atitudes corporais de cada indivíduo também são produtos sociais.

Por conseguinte, não é exagero dizer que o fazer artesanal das louceiras do Córrego de Areia está contido nos seus corpos, uma vez que o manuseio magistral das mãos exige uma adaptação também do corpo, desenvolvida concomitantemente às habilidades, gestualidades e posturas, próprios à realização de tal tarefa. Barro e corpo se misturam harmonicamente, cujo fim principal é a elaboração e, conseqüentemente, a execução dos “seus” objetos. Enquanto molda suas peças, a louceira também modela seu corpo, pois os seus movimentos e gestos estão voltados para a sua prática. Não apenas porque elas literalmente se misturam com o barro enquanto fazem as peças, mas principalmente porque o corpo é moldado, adaptado, ensinado, preparado para adotar

⁸ Essa palmeira é muito abundante na região jaguaribana e dela podem-se aproveitar quase tudo: a lenha para forrar o teto das casas, a cera é aproveitada industrialmente, do estípite fazem-se caibros e ripas, dos talos são feitas armadilhas de pesca e as palhas cobrem as casas de taipa.

posicionamentos e formas específicas de sentar, andar e levantar que possibilitam fazer e carregar os objetos de barro. A flexibilidade corporal da louceira só encontra limite no avançar da idade, uma vez que a facilidade de sentar-se e levantar-se do chão, assim como a força para carregar e amassar o barro vai diminuindo com o passar dos anos. São recorrentes as queixas, principalmente com relação às dores na coluna, que segundo elas resultam dos longos períodos sentadas numa mesma posição⁹.

Quando a gente fica véi é muito diferente de quem é novo, eu fazia uns três jogo de feijoada na semana, hoje eu pejejo pra fazer um.
(Maria Rodrigues, julho de 2007)

Os gestos e movimentos corporais são “técnicas criadas pela cultura” (Mauss, 2003). Em todas as sociedades, as pessoas aprendem e ensinam o que devem fazer, como adaptar o corpo a um determinado uso, enfim, adquirem um hábito que as autoriza a dizer que “sabem como fazer” algo. A modelagem do barro, pelas louceiras, demonstra muito mais do que uma simples feitura de objetos. Revela o treinamento, o aprendizado, a “técnica”, a memorização de “posturas culturalmente específicas”, transmitidas, mesmo que não sejam verbalizadas nem conscientemente ensinadas (Connerton, 1993). Por isso é comum dizerem que aprenderam sozinhas ou apenas vendo os outros fazerem.

3. A QUEIMA

As peças menores (panela, prato, abajur, gamela) são “alisadas” algumas horas depois da modelagem; mas as maiores (potes, jarros grandes) são feitos por etapas: à medida que a parte inferior vai secando, outra vai sendo sobreposta e só depois é dado o acabamento, conforme mencionado. É necessário esperar cerca de três dias para que uma peça fique totalmente seca e possa ser levada ao forno para queimar; caso contrário, se quebra. No período chuvoso, a secagem pode ser adiantada pela colocação das vasilhas ao sol, desde que não haja vento, uma vez que a umidade retarda tal processo. Por outro lado, se o tempo estiver muito seco, como ocorre no verão, os objetos podem ser cobertos com sacos plásticos para evitar que percam a umidade e sequem de forma muito rápida. Esse tempo de secagem pode variar de acordo com o tamanho e a espessura do objeto, conforme me disseram, em 2007, as louceiras

⁹Dores musculares e inflamações nos tendões dos braços e pernas são os principais motivos das idas ao médico e da ingestão de medicamentos entre as louceiras. Os remédios são, quase sempre, anti-inflamatórios e relaxantes musculares, que são tomados mesmo sem autorização prévia de um profissional de saúde.

Avelanda Braúna, ao dizer que “tando chovendo, quebra muito. Nesse tempo frio, só neblinando, se queimar quebra tudim” e Toinha: “no inverno passa quatro dia pra rapar, no verão é com menos de vinte e quatro hora”.

Não são apenas os fenômenos climáticos (sol, vento, umidade), no entanto, que interferem no processo de secagem da louça. As peças podem vir a se quebrar ainda enquanto estão secando. Nesses momentos, caso ela tenha sido feita por encomenda, diz-se que *a pessoa não tem sorte pra barro*, podendo esse *azar* atingir toda a produção que está pronta para ser queimada, sendo inteiramente perdida em razão da falta de *sorte* de quem a encomendou.

Eu acho que isso aí é sorte. Porque tem gente que encomenda uma vasilha, a loiça sai toda boa, mas tem gente que quebra todinha. E num é só eu, a experiência é que tem um horror de gente que acha q é assim. Eu conheço uma mulher que quando ela encomenda louça, se tiver outra encomenda boa, grande, eu não boto aquela peça daquela mulher que eu já sei que quebra, vou deixo pra outra vez que eu for queimar, porque senão quebra tudim. Aí eu acho que é sorte. É que nem esse daí, eu já fiz cinco. E toda vez quebrou-se e o pior é que eu pedi a comadre Maria pra queimar e quebrou-se. Então não é o meu forno. É sorte. Nem é do barro, porque se fosse quebrava as outras peças também né? E não é.

(Antônia Ribeiro, dezembro de 2006)

Quando tal episódio me foi relatado, remeteu-me ao clássico trabalho do antropólogo inglês Evans-Pritchard (2005) sobre os Azande, na África, quando estes atribuíam toda sorte de eventos à bruxaria¹⁰. Logo, o saber e a técnica que a louceira acumulou, ao longo dos anos, encontra limites no azar/sorte de quem solicitou o trabalho.

Se, ao serem utilizadas, as peças forem entrar em contato direto com o fogo, como as panelas, é necessário que seja misturada areia, para que elas não se quebrem quando entrarem em contato com as labaredas. A areia é retirada do leito do rio Jaguaribe e tem de ser peneirada para não levar pedra ou outro tipo de impureza. Ao barro que se transformará em pote também é acrescida areia, mas o motivo é outro: esfriar a água colocada nele que será usada para o consumo da família. Depois de secas, as peças são levadas para o forno, que tem capacidade para queimar vinte quartinhas ou vinte potes pequenos, além de uma infinidade de *coisa miúda*. Os fornos estão

¹⁰ EVANS-PRITCHARD, E.E. *Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande*. Edição resumida e introdução, Eva Gillies; tradução Eduardo Viveiros de Castro. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

localizados na parte de trás ou ao lado das casas. Foram erguidos pelos maridos ou irmãos das louceiras, pois para construí-los, são necessários força física e conhecimentos relacionados à alvenaria, habilidades reconhecidas socialmente como masculinas na localidade. Possuem uma divisão no centro, feita de tijolo e coberta com barro, que evita o contato direto do fogo com a louça.

A ordem de colocação das peças no forno é distribuída de acordo com o tamanho delas. A primeira camada é de potes, em seguida vêm as quartinhas, filtros, bebedouros, panelas e alguidares. Os espaços que sobram entre uma peça e outra são preenchidos pela “miudeza”, ou seja, gamelas, cavalos e mealheiros. Também é comum que esses objetos pequenos sejam colocados dentro das panelas, otimizando o espaço.

Os objetos são separados entre si pelos *cacos*, ou seja, as sobras de outras peças que se quebraram durante a queima, pois, se ficarem juntas, o calor não penetra, causando manchas, que só aparecem depois de queimadas. Essa tarefa se estendeu até por volta das onze horas, quando Toinha retomou as tarefas do lar, na preparação do almoço. Depois que a louça é toda *enfurnada*, ou seja, arrumada dentro do forno, os *cacos* são novamente utilizados, mas agora têm a função de cobrir toda a louça, visando a impedir a dispersão do calor. É interessante perceber que essa forma de *queimar* a louça, no Córrego de Areia, em forno, apresenta-se como uma tecnologia diferente e avançada em relação a técnicas como a *coivara*, utilizada por artesãos em outras cidades cearenses, como Missão Velha, localizada na região do Cariri¹¹. Na *coivara*, os objetos são arrumados uns sobre os outros e a lenha é colocada ao redor, de pé, formando uma espécie de triângulo, onde o fogo é ateado e a peças são queimadas.



¹¹ A região do Cariri compreende o sul do Estado do Ceará, sendo conhecida por ser um celeiro de manifestações culturais. Dentre as cidades mais conhecidas e desenvolvidas economicamente, destacam-se Juazeiro do Norte (com o culto ao padre Cícero), Crato (bandas cabaçais) e Barbalha (festa de Santo Antônio).

Figura 23 – À esquerda, o forno coberto com *os cacos*, pronto para começar a queima. No centro e à direita, o início do processo, quando o fogo não foi ateado dentro dele. Fonte: Francisca Mendes. Acervo pessoal. 2006.

Cerca de meia hora depois, a lenha começa a ser queimada, ainda fora do forno: *começa esquentando de longe e vai chegando pra perto*, é assim que Toinha define o “*esquentar*” da louça, primeiro passo da *queima*, que tem como finalidade o enrijecimento das peças, além de dar a tonalidade avermelhada que caracteriza a louça depois de queimada. Assim que a lenha começou a se transformar em brasas, estas foram empurradas, pouco a pouco, para dentro do forno, pois a louça ainda estava *fria* e se recebesse muito calor de uma vez só, se quebrava. É o que as louceiras chamam de *papocar*. E assim prossegue durante a tarde toda, com a lenha sendo transformada em brasas fora do forno, que vão sendo paulatinamente empurradas para dentro. Essa parte se desenrola de forma muito lenta, permitindo que a louceira realize outras tarefas simultaneamente, o que não quer dizer que ela descuide da “*loiça*”.

Por volta das cinco da tarde, quatro horas e meia após ter sido iniciado, parte inferior do forno já contém uma grande quantidade de brasas, que, ao serem constantemente movidas, dispersam a quentura para que ela atinja a louça toda. Uma comprida vara de madeira é usada para mexer as brasas e atingir até o final do forno sem causar queimaduras na louceira.

A gente vai esquentando com a lenha e vai rebolando as brasas para dentro, que quando tá quente aí a gente dá a calda com os talos. Quando a gente bota os talo, o fogo sobre para cima. Mas se botar, se não tiver toda quente, ainda papoca (Maria de Dedé, novembro de 2006).

A essa altura, a temperatura ao redor do forno estava altíssima e o calor atinge tanto a louça como o entorno do forno. A queima aproxima-se da parte final e é nesse momento que Maria de Dedé, comadre e cunhada de Toinha, chega pitando seu cachimbo, para arrematar. Sua experiência para reconhecer a hora em que a louça está no ponto de *dá a calda* foi adquirida a partir do saber acumulado pela louceira desde muitos anos de observação e de um conjunto de sentidos que é aguçado durante todo o processo. Assim, o ouvido fica atento se as peças estão *papocando*, problema que pode ser identificado pelo barulho de estalo. O olho observa se os *cacos* que cobrem o forno estão ficando brancos, indício de que a louça está *no ponto*. E, ainda, Maria diz que a louça está *cheirando*, revelando que a hora de *caldear* se aproxima.

Quando começa a queimar, os caco fica preto, mas depois fica branco, tem que ficar assim pra loiça ficar no ponto. Quando estrala é porque ta papocando. (Maria de Dedé, dezembro de 2006)

Assim que tais sinais são identificados, Toinha e Maria de Dedé empurram as brasas para o fundo do forno e em seu lugar são colocados talos de carnaúba ou lenha fina, a fim de gerar as labaredas que enrijecem a louça. Essa substituição enseja uma fumaça preta que muda de direção de acordo com o vento e encobre o forno, dispersando-se pelo ambiente ao redor. Enquanto as duas louceiras trabalhavam simultaneamente, perto da “boca” do forno, eu estava há cerca de quinze metros, com a sensação de que não apenas a louça, mas que eu também havia sido estorricada. Ao mesmo tempo, estava maravilhada com a beleza daquele espetáculo que se repete ao longo de muitos anos e se mantém em virtude do domínio que a louceira expressa sobre os fenômenos da natureza - fogo, terra, água e ar.



Figura 24 – Parte final da queima. O forno já está com uma grande quantidade de brasas em seu interior (à esquerda) e é dada a *calda*; são produzidas labaredas que ultrapassam a altura do forno (centro) e o cobrem (à direita). Fonte: Francisca Mendes. Acervo pessoal. 2006.

Mais uma vez, o conhecimento da louceira é posto à prova, pois a louça não pode *cozinhar demais*, senão *azula*, ou seja, fica com manchas pretas em alguns lugares da peça, fato que tira a competitividade dela, em relação às que são avaliadas como de boa qualidade estética, conforme aponta Toinha: *tem que fazer a labareda, seja do que for, senão ela [a louça] fica azulada, roxa, esfumaçada*. Para que isso não aconteça, é necessário ficar mexendo a lenha que está sendo queimada, a fim de que as labaredas ultrapassem toda a extensão do forno. A essa ação elas chamam *dá a calda* ou *caldear* e, para que ela se realize, é necessário haver materiais específicos, como talos de carnaúba ou qualquer outra lenha, desde que seja grossa. Quando Maria anunciou que a louça “tava boa”, já estava escuro, passava das seis horas da tarde e, naquele momento,

a empreitada estava encerrada. Restava agora deixar ocorrer o resfriamento, que acontece naturalmente durante a noite.

Algumas vezes, porém, conforme aponta Lima (2006), a “fornada” pode não render o esperado, pois algumas peças podem apresentar pequenos defeitos que inviabilizam a sua comercialização, mas não o seu uso. E, ainda, a louceira pode ser surpreendida com a perda parcial ou total do seu trabalho, acarretando um prejuízo para a louceira, como verbaliza Toinha:

Eu acho bom trabalhar, fazer, mas já to pra deixar, porque ta dando muito prejuízo. Que nem uma semana dessa, eu botei 16 pote, só saiu um. Aí num dá nem gosto trabalhá.
(Antônia Ribeiro, setembro de 2008)

Vale chamar a atenção ainda para as formas de organização e uso do forno, que são orientados pelas alianças de consaguinidade, compadrio ou vizinhança. Por isso, Maria de Zé Pequeno queima a sua louça e a da irmã Lúcia, atividade antes realizada pelo pai delas. A outra irmã, Raimunda, tem sua produção finalizada pelo marido, Nelsinho. Já Mundinha, queima sozinha suas peças enquanto a família Braúna delegou tal ação ao atual marido de Veranilde, De Assis, depois da morte do patriarca. Já tiveram, entretanto, suas peças queimadas também pelo tio Raimundinho, que também é quem faz o mesmo com a da sua mulher, D. Terezinha. Maria de Cilina se alia a Zé de Chagas e Maria de Dedé, que, por sua vez, queima junto com Toinha.

Com relação aos dias em que a queima é realizada, varia de uma louceira para outra, podendo ser feita semanalmente, as quintas ou sextas-feiras, para aquelas que levam a louça para as feiras, que acontecem aos sábados. Já aquelas que não vão à feira, queimam quando precisam entregar a encomenda, obedecendo às exigências da quantidade de peças já secas e não a um padrão semanal ou mensal. E, ainda, outras modificações podem acontecer conforme as condições climáticas, já que os fornos não são cobertos e a chuva inviabiliza o processo, como já citei.

Por fim, importa porta lembrar que as louceiras não determinam as condições de secagem nem a queima das peças por horas. Suas concepções de tempo aproximam-se daquelas descritas pelo autor há pouco citado, dessa vez em seus estudos a respeito dos Nuer. O tempo está atrelado aos elementos naturais, ao cotidiano, onde o barro e o seu manuseio orientam como essas mulheres devem dividir seus processos de trabalho e, conseqüentemente, os outros aspectos da sua vida diária (Evans-Pritchard, 2002). Indagada por mim a respeito de “quantas horas” a louça levava para queimar,

uma louceira me respondeu: “*colocando assim regulando mei [meio] dia, quando é de tardezinha, quando tá escurecendo, tá boa*”. Nesse momento, ficou claro para mim que o tempo do trabalho da louceira é regido pelo tempo ditado pelo barro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVIM, Maria Rosilene Barbosa. Artesanato, tradição e mudança social: um estudo a partir da “arte do ouro” em Juazeiro do Norte. In **O artesanato tradicional e seu papel na sociedade contemporânea**. Textos de Berta G. Ribeiro e outros. Rio de Janeiro, FUNARTE/ Instituto Nacional do Folclore. 1983. 253p.
- AMORIM, Maria Alice. Artesanato, Tradição e Arte. **Continente Documento**, ano 3, n.35, 2005.
- BACHELARD, Gaston. **A Terra e os Devaneios da Vontade**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- BAUDRILLARD, Jean. **O Sistema dos Objetos**. São Paulo-SP: Editora Perspectiva, 2002.
- BEZERRA, Nilton Xavier. **Cerâmica de Santo Antônio do Potengi: entre tradição e modernidade**. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Natal-RN, 2007.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 3ª ed. – São Paulo-SP: companhia das letras, 1994.
- CARVALHO, Gilmar de. **Artes da Tradição: mestres do povo**. Fortaleza: Expressão Gráfica / Laboratório de Estudos da Oralidade UFC/UECE, 2005.
- _____, Gilmar de; GUIMARÃES, Dodora. **Ceará Feito à Mão: artesanato e arte popular**. Fotografia de Gentil Barreira, texto de Gilmar de Carvalho e Dodora Guimarães. Fortaleza: Terra da Luz Editorial, 2000.
- CONNERTON, Paul. **Como as Sociedades Recordam**. Celta Editora: Oeiras, 1993.
- DELGADO, Andréa Ferreira. **Memória, Trabalho e Identidade: as doceiras de Goiás. Cadernos Pagu (13)**. Unicamp: Campinas: 1999, p. 293-325.
- DIAS, Carla. **Panela de Barro Preta: a tradição das Panelas de Goiabeiras – Vitória-ES**. Rio de Janeiro: Mauad X: Facitec, 2006.
- EVANS-PRITCHARD, E.E. **Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande**. Edição resumida e introdução, Eva Gillies; tradução Eduardo Viveiros de Castro. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

_____. **Os Nuer:** uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota. 2ª Edição. São Paulo-SP: Perspectiva, 2002.

LIMA, Ricardo Gomes. **O Povo do Candeval:** sentidos e percursos da louça de barro. Tese (Doutorado em Antropologia Cultural). Programa de pós-Graduação em Sociologia e Antropologia. UFRJ, IFCS. Rio de Janeiro: 2006.

MATTOS, Sônia Missagia. **Artefatos de Gênero na Arte do Barro (Jequitinhonha).** Vitória: Edufes, 2001.

MAUSS, Marcel. As Técnicas do Corpo. **In Sociologia e Antropologia.** São Paulo-SP: Cosac & Naify, 2003. P. 399-422.

MENDES, Francisca R. N. A Louça de Barro do Córrego de Areia: tradição, memória e saber. In CHAVES, José Olivenor Souza (Org.). **Vale do Jaguaribe:** histórias e culturas. Fortaleza: Lux Print Off Set, 2008.

_____. A Produção Artesanal das Louceiras do Córrego de Areia: saberes, fazeres, tradição e simbolismos. In RODRIGUES, Lea Carvalho; MATTOS, Sonia Missagia (Org.). **Cultura e Trabalho:** práticas, saberes e fazeres. Campinas-SP: UNICAMP/CMU-Publicações; Editora Arte Escrita, 2007.

PORTO ALEGRE, Sylvia. **Mãos de Mestre:** itinerários de arte e tradição. São Paulo: Maltese, 1994.